

Produção intelectual contraria metódicos

Muitos intelectuais se sentem tontos diante da falta de linearidade da obra acadêmica de FHC

O essencial de Fernando Henrique, desde estes tempos heróicos do olimpo marxista, está dado. A essa altura, já se consolidou, por exemplo, sua fama de "pão-duro". "Nós o chamávamos de 'munheca', quer dizer, de mão fechada", recorda o advogado Agenor Barreto Parente, que lutou ao lado do pai de Fernando Henrique na campanha do petróleo. Fernando Henrique, um dia, admite: "Não uso dinheiro. Não gosto de dinheiro."

Terá de ouvir muitas piadas a respeito dessa mania, a mais recente proferida pelo por Itamar Franco. No posto de ministro da Fazenda, e acompanhando o presidente em visita ao Rio, Fernando Henrique o estimula a aproveitarem um vasculho da imprensa e saírem sozinhos do Hotel Glória para tomar um drinque no bar no Hotel Sheraton. A operação é bem-sucedida e, ao lado de Mauro Durante, chegam a seu destino. Depois de 40 minutos de boa conversa, decidem retornar. Itamar é o primeiro a dizer: "Não tenho dinheiro. Um de vocês vai ter de pagar". Durante também não tem um tostão. Sobra para Fernando Henrique. "Só assim você paga alguma coisa", Itamar não o poupa.

Talvez já se possam ver aí, enviesadas, as qualidades que o levaram a eleger a inflação seu principal inimigo. Os atributos intelectuais estão dados há muito. Em 1961, Fernando Henrique obtém o título e doutor em ciências. Sua tese de doutoramento se transforma no clássico *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, editado em 1977 pela Paz e Terra. Representa uma tentativa de transportar para a sociologia, ainda marcada pelo funcionalismo, as técnicas de interpretação dialética propostas por Marx. O golpe militar de 64 leva Fernando Henrique a se esconder por alguns dias no apartamento da amiga Melanie Farkas, no Guarujá. Com tanta discrição, que ela hoje constata: "O Fernando fazia as coisas tão suavemente que nem percebi que estava se escondendo." Dias depois, foge para Santiago do Chile. No Dops de São Paulo, sua ficha passa a registrar: "Consta que é assistente do prof. Florestan Fernandes, marxista violentíssimo." Mais tarde, a mesma ficha deixará escrito, numa avaliação tão grosseira quanto aquela assinada hoje em dia, em outra perspectiva, por muitos colegas de esquerda: "(...) tendo mais tarde se afastado dos comunistas, convencendo-se do erro".

Desembarca no Chile sozinho e é recebido pelo recém-separado Francisco Weffort. Logo chegam a Santiago também Gasparian e Pedreira e os três Fernandos se tornam inseparáveis. O regime militar não teve tempo de remover o poeta Thiago de Mello do posto de adido cultural. Thiago, que mora de empréstimo na casa de Pablo Neruda, promove saraus literários regados a muito vinho e algum esnobismo. Quando Ruth

chega com os filhos, o casal se muda para uma típica casa de classe média, com vasto jardim e cortinas coloridas, em Vitacura.

Fernando Henrique se torna, então, pesquisador-professor do Instituto Latino-americano de Planificação Econômica e Social da Cepal, o conceituado Ilpes. Logo é promovido também ao posto de vice-diretor da divisão de sociólogos do instituto, dirigida por um espanhol refinado e tolerante chamado José Medina Echevarria. No nicho requintado de Echevarria e com a influência do economista argentino Raul Prebisch, mais importante nome da escola cepalina, ele desfruta do ambiente perfeito para desenvolver sua célebre "teoria da dependência", materializada no livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, escrito em espanhol a quatro mãos com o sociólogo chileno Enzo Falletto e só mais tarde traduzido no Brasil pela Zahar.

A "teoria da dependência" é, a rigor, a grande peça literária assinada pelo intelectual Fernando Henrique Cardoso. Produz, efeito mórbido de suas imensas qualidades, muitas in-

compreensões — e alguma manipulação. As esquerdas brasileiras, por exemplo, ávidas de argumentos teóricos para se contrapor ao regime militar, fazem dela exatamente o oposto do que é: uma simples repetição da velha "teoria do imperialismo". Nada mais falso. A "teoria da dependência" mostra, ao contrário, que as empresas multina-

cionais fortalecem a industrialização do continente latino-americano. A preção, sim, de duas seqüelas graves: a concentração de renda e o autoritarismo. Mas que jogam a favor. O ambiente maniqueísta-paranóico que envolve a intelectualidade brasileira, porém, promove uma leitura torta da "teoria da dependência". Em 76, desalentado, o paciente Fernando Henrique se vê obrigado a escrever o ensaio *Sobre o Consumo da Teoria da Dependência*, analisando, em particular, os desvios em sua interpretação processados por aqueles que a consomem certos de sorver, na verdade, o seu antídoto. Seu livro é, a essa altura, um best seller internacional. A obra intelectual de Fernando Henrique, acusada por colegas mais radicais da academia de não conter o devido rigor, não tem de fato linearidade. "Ela é uma sucessão não linear, mas muito rica, de focos luminosos sobre a realidade", diz Giannotti. Acostumados com a linearidade da academia, muitos intelectuais se sentem tontos diante dessa dispersão. Esse estilo luminoso, que pega a realidade por golpes, contraria a mente metódica daqueles intelectuais que vêem sempre um livro — e uma posição — como resultado coerente e "necessário" do anterior. Sufocado por essas cobranças, chegou um dia — quando estava assumindo o Ministério da Fazenda — a pedir, irritado: "Esqueçam o que eu escrevi!" O desabafo, a rigor, não passa de uma ironia com os que se acostumaram a ver a teoria como um texto sagrado, e não como uma hipótese, sempre provisória, a ser desmentida e superada. (J.C.)

NOS TEMPOS
HEROÍCOS DO
OLIMPO
MARXISTA, JÁ SE
CONSOLIDARA
SUA FAMA DE
PÃO-DURO